

Médico denuncia desumanização

Foram cinco anos de pesquisas em boletins médicos e fichas de atendimento e internação do Hospital de Cardiologia do Inamps, em Laranjeiras, referentes ao período 1976-86. Ao final, o cardiologista Ary Alves de Carvalho chegou à conclusão de que o serviço médico está cada vez mais impessoal e que é muito difícil a coleta de dados para se acompanhar a evolução clínica dos pacientes. “O paciente hoje é apenas um número de prontuário, o tratamento está desumanizado”, diz o médico, no Hospital de Cardiologia há quase 40 anos.

As descobertas resultaram em dois livretos, produzidos pelo serviço de xerox do hospital para uso interno: *O Coronariano do Laranjeiras*, com o subtítulo *Peripécias de uma pesquisa* e tiragem de 800 exemplares, e *O Chagásico do Laranjeiras*, com 400 exemplares. A receptividade entre os médicos foi de constrangimento, aplauso ou franco repúdio. Alguns quiseram até levar o autor a explicar-se perante o Conselho de Ética do Hospital.

“Meu intuito não foi criticar o trabalho dos médicos à toa, mas criticar para que o serviço possa melhorar. O que vi nas pesquisas me estarreceu e achei necessário contar o que encontrei, para tentar humanizar mais o tratamento”, diz Ary Alves de Carvalho, que foi diretor do hospital em meados da década de 70.

Desgosto — Aos 59 anos, ele se diz “um pesquisador por vocação”, tendo abandonado o trabalho de consultório há quase 10 anos para clinicar apenas no Laranjeiras. Nos dois livretos, conta as “peripécias” de suas pesquisas, em que analisou mais de mil casos. Revela que encontrou mais “desinformação” que dados concretos, pois muitas fichas estavam mal preenchidas, com informações insuficientes sobre os pacientes.

“Os fichários de internação estavam mal distribuídos, os endereços não correspondiam e os telefones não eram os mesmos”, conta Ary. “Havia falha na condução dos tratamentos, como pacientes com problemas de coração não fazendo testes de esforço, o que é necessário. Aos poucos, fui observando que os médicos atuais estão cada vez mais distantes dos pacientes e mais próximos da máquina.” Por isso, ele se diz desgostoso com alguns colegas mas não com a profissão.

Sem temer ser levado ao Conselho Regional de Medicina, como represália por suas críticas, “nem o perigo de ir ao Conselho de Ética”, Ary de Carvalho mandou seus dois trabalhos para vários hospitais do Inamps em todo o Brasil e recebeu algumas cartas elogiosas. “O próprio diretor do hospital, Roberto Horcades, elogiou meu trabalho”, afirma. “Quando eu critiquei o comportamento dos médicos, não quis dizer que eles são os únicos a involuírem, a se distanciarem do lado social. A própria sociedade está muito impessoal”, diz. No hospital, vários funcionários já começam a lhe cobrar uma terceira publicação. “Ela vai vir, muito em breve, e tudo o que eu escrevi nos dois primeiros livros não vai chegar perto do que vou dizer no próximo”, promete.

Democrática — Se os livretos do cardiologista causaram algum desconforto entre os colegas, o diretor Roberto Horcades aceitou bem as críticas, embora faça questão de dizer que elas se referem a um período “negro” do hospital, anterior à sua administração, que começou em 1986.

“Durante quase dez anos, de 1976 a 1985, o hospital sofreu com obras intermináveis, o que dificultou muito o nosso trabalho aqui. Foi exatamente esse período que o doutor Ary de Carvalho pesquisou. De lá para cá, o hospital mudou muito e nós conseguimos dar a volta por cima”, afirma.

Segundo o diretor, o hospital passou, nesse período, de 40 leitos para 120 e de 3 mil atendimentos ambulatoriais para 12 mil por mês. “Com menos leitos e menos pacientes, é claro que o tratamento era mais personalizado. Agora isso é mais difícil, mas é o ônus do progresso que temos que pagar”, diz Horcades. “O Ary não se ateu a todo o universo que é o Laranjeiras hoje, ele só viu uma pequena parcela. Talvez por estar afastado da realidade atual do hospital, não foi feliz em algumas declarações, mas seu trabalho nos alertou.”

Roberto Horcades afirmou que em nenhum momento pensou em proibir distribuição dos livretos do cardiologista no hospital, já que se considera um “democrata”.

“Fui eu quem democratizou o hospital e não teria sentido cercar a liberdade de expressão de quem quer que seja. Exceto se fosse de baixo nível, ofensiva, o que não foi o caso.”